

O RATO BINO

Bino era um rato Camundongo e, para quem não conhece, da família dos murídeos.

Não era um roedor corpulento nem amedrontador. Tal como os da sua espécie, era pequeno, de pelo macio e castanho de cauda ondeante, olhar vivo e atento.

Em pequeno, fora “o menino da mamã”, sempre no ninho, olhando através do buraco do armário da cozinha, numa caminha confortável, mas rodeada do lixo doméstico espalhado de forma incauta.

Bino era daltónico e o mundo nunca assumira cores vibrantes nem atrativas. Às vezes perguntava-se se era só aquele o mundo que devia conhecer ou se lhe estariam a esconder qualquer coisa. A mãe só lhe contava histórias de ratos de porão, heróis que viajavam em barcos com nomes complicados e às vezes dividiam a ração com os marinheiros junto de quem dormiam.

Que aborrecido era encontrar sempre os mesmos sapatos escuros palmilhando a cozinha, as mesmas chinelas esburacadas que escondiam meias às riscas (essas sim, deveriam ser multicolores), ou mesmo os pés descalços e sapudos do benjamim da família. Todos os dias as mesmas imagens...

No entanto, a Bino nada faltava: nem os abraços quentes da mãe na hora do sono, nem as brincadeiras divertidas dos irmãos, nem a exploração do espaço circundante através dos seus longos e hirsutos bigodes.

O pai...bem, o pai nunca acompanhara o seu crescimento. Abandonou a morada de família após a primeira ninhada da mãe porque “não queria responsabilidades”, “porque não estava para trabalhos”, porque não muito longe haveria certamente alguma fêmea disposta a aceitar-lhe o mau humor sem lhe exigir descendência. Bino só às vezes o visitava...

Percebia que não era bem um pai como os outros, mas tirando algumas resmungadelas e “alfinetadas” contra a mãe, até nem era mau tipo. Só que pertencia a outro lugar e Bino ia-se conformando. O que não conseguia mesmo era aceitar o seu daltonismo, aquela falta de cor na sua vida que às vezes lhe trazia uma funda tristeza que transparecia na imobilidade da sua cauda ou na falta de brilho do seu olhar.

Chegou a confessar esse desconforto a um dos irmãos que desdenhou no seu focinho e lhe chamou parvo, porque ao fim e ao cabo a vida era simples e havia que tirar partido das distrações dos humanos: o açucareiro sem tampa, o pedaço de carne no lixo, o pacote das bolachas rasgado, ...

A seguir, vinha a festa com gargalhadas em plena noite, a meio do sono dos residentes.

Bino nunca estava satisfeito. Sentia que aquele mundo não lhe chegava, que precisava de mais qualquer coisa de indefinível para ser feliz.

Enquanto os irmãos faziam tropelias sob a observação enternecida da mãe, Bino ficava no sítio mais quente e fofo do ninho olhando através do buraco, inativo, de olhar perdido. Achava-se sempre incompleto, triste, sem ideias sobre o que fazer a seguir. As brincadeiras dos irmãos já não lhe interessavam. Pareciam-lhe despropositadas e sem nexos.

Numa noite quente de agosto, resolveu saltar da cama e dar uma volta pela casa, como aliás faziam todos os da sua espécie.

Daquela vez aventurou-se até um dos quartos que emanava uma luz ténue, trémula.

Esgueirou-se pela frincha da porta e viu que dois humanos ressonavam de janela aberta, ainda vestidos como se estivessem na rua. Um dos braços pendia para fora da cama e, no centro da mão semicerrada, estava um pacotinho de plástico com um pó branco lá dentro que mal se via...

Devagar, Bino conseguiu surripiar o saquinho e logo se apressou a dar mais uma volta pelo quarto, sempre rente à parede, na esperança de encontrar mais alguma coisa que compensasse a aventura.

Nada mais havia senão uns papéis enrolados, daqueles que os humanos costumam transportar nos bolsos e levam para a rua para serem trocados por tudo aquilo que precisam: comida, livros, roupas, perfumes, ...

Papel não era o seu forte. Já tinha provado uma vez, mas as suas papilas rejeitaram aquele gosto acre, preferia açúcar, frango ou chocolate. Talvez aquele pacotinho tivesse um pouco de açúcar em pó, ou talvez farinha, o que não seria nada mau para terminar a noite. Iria então saboreá-lo no mélico e fofo canto onde se deitava.

Uma vez lá, abriu-o com cuidado e, de uma vez só engoliu-o esperando que o doce lhe fizesse cócegas na garganta. Surpreendentemente, tal não aconteceu. O sabor era amargo e anestésico. Mas afinal o que era aquilo que tão prontamente havia furtado na esperança de acalmar a gulodice?

Olhou através do buraco e...

Primeiro achou que estaria a adoecer, depois percebeu que as tonturas que sentia poderiam ter outra origem.

O facto é que tudo girava à sua volta e as cores eram vibrantes, fúlgidas, diferentes! Como era possível? Então a cozinha não era a mesma? Por que motivo estaria a ver tudo como se fosse novo? Aquele lugar era o mesmo de sempre! As cascas dos frutos tinham agora movimento, outras tonalidades, estavam noutra dimensão!

Guinchou de alegria, levantou-se e dançou equilibrando-se ora numa ora noutra pata. Há quanto tempo não se sentia tão eufórico!

Esteve algum tempo inebriado de sensações únicas e indizíveis e chegou à conclusão de que teria sido obra do açúcar amargo que ingerira. Pois bem, não seria a última vez! Na noite seguinte, faria o mesmo périplo pela casa e procuraria aquele tesouro que guardava segredos enérgicos coloridos e de uma felicidade insubstituível.

Bino continuou a sua aventura durante alguns dias. As noites eram de uma exultação ímpar; todos os sentidos despertos, todas as cores adornando o seu espaço, todos os sonhos realizados num tempo reduzido e a uma velocidade estonteante... Bino não queria mais nada da vida a não ser o momento em que a noite chegava e ele corria colado ao rodapé em direção à luz, à estrela que lhe trazia o paraíso.

Depois vinha o torpor e o cair pesado no ninho, a mãe que o acordava para que ele se alimentasse e as dores lancinantes nas costas e nas patas. Tinha dificuldade em mover-se, mas tinha de o fazer porque morreria de desidratação. Muito a custo, seguia os irmãos até à poça de água que jazia na casa de banho. Sorvia devagar o líquido incolor e em seguida voltava para onde estivera antes. Se pelo caminho encontrava algo comestível, abocanhava sem vontade, só porque sabia que se não o fizesse, ficaria cada vez mais fraco.

Muito preocupada, a mãe abraçava-o e trazia-lhe sementes de trigo novas e estaladiças apanhadas no celeiro.

Bino fazia-lhe a vontade, mas só queria que a noite chegasse para ir ao encontro daquele pó amargo que o fazia renascer e, de forma mágica, lhe retirava todas aquelas moínhas que agora se alojavam na barriga. Alguns dias passaram. Bino sabia que estava doente. Os irmãos debruçavam-se sobre ele, interrogavam-no sobre o seu estado de saúde e seguiam as suas vidas de murídeos. Para eles nada mudara: nem as cores, nem a destreza, nem a vivacidade.

Bino entristecia, sentia-se débil, cansado, como se já tivesse cinco anos!

Custava-lhe ver os desvelos da mãe que nunca resultavam nas suas melhoras, custava-lhe perceber que estava cada vez mais doente, durante mais tempo. Os momentos de alívio iam diminuindo porque o pó maravilhoso não aumentava de quantidade. Em noites de pouca sorte, Bino encontrava o tal saco de dimensões iguais, mas sem nada. Rasgava-o com os incisivos, lambia-o milimetricamente sem que os resquícios da magia lhe dessem a transformação.

Bino tinha agora o olhar parado. Olhava pelo mesmo buraco em frente ao ninho e tudo lhe parecia tristonho, lúgubre, inodoro. Sentiu que os olhos se fechavam. Uma onda gigante gelava-lhe o sangue. Não conseguia movimentar-se.

Ao longe, ouvia o soluçar da mãe, os seus lamentos e guinchos de aflição.

Quis vê-la mais uma vez, mas a onda gelada cobriu-lhe o focinho, chegou-lhe às orelhas e cerrou-lhe as pálpebras para sempre.

No silêncio da noite, quando todos os roedores saem dos esconderijos na azáfama costumeira...dois deles ficam no mesmo lugar: um imóvel, sem vida; outro fitando-o de olhar vazio.

Palmela, 15 de junho de 2018

Isabel Gomes